

Rita de Cássia: obediência e matrimônio em uma narrativa hagiográfica setecentista (1714)

Rita of Cascia: obedience and marriage in a hagiographic narrative of the eighteenth century (1714)

Ana Vitória Sampaio Castanheira Rocha

Doutoranda em História

Universidade de Brasília

vitoria.imprensaefeminista@gmail.com

Recebido em: 22/06/2015.

Aprovado em: 10/03/2016.

RESUMO: Durante a Idade Moderna portuguesa, a hagiografia assumiu um importante papel na catequização dos fiéis, apresentando não apenas experiências místicas e sobrenaturais dos santos e beatos da Igreja Católica, mas também conferindo valores de feminilidade e masculinidade no seio da hierarquia social e familiar. O presente artigo propõe analisar uma narrativa hagiográfica do início dos setecentos acerca de Rita de Cássia, sob a luz do conceito de tecnologia de gênero proposto por Teresa de Lauretis.

PALAVRAS-CHAVE: Rita de Cássia, Matrimônio, Hagiografia portuguesa.

ABSTRACT: During the Portuguese Modern Age, the hagiography assumed an important role in the catechesis of the faithful, presenting not only mystical and supernatural experiences of saints and blessed of the Catholic Church, but also giving femininity and masculinity values within the family and social hierarchy. This article proposes to analyze a hagiographic narrative of the early eighteenth century about Rita of Cascia, in the light of the concept of gender technology proposed by Teresa de Lauretis.

KEYWORDS: Rita of Cascia, Marriage, Portuguese hagiography.

Introdução

Em 1714 na cidade de Lisboa, Portugal, o canonista Luís Botelho Fróes de Figueiredo publicou uma obra em homenagem à beata Rita de Cássia. Intitulado *Coro Celeste a quatro vozes*, o livro é um exemplar da hagiografia portuguesa setecentista, instrumento poderoso na catequização dos fiéis e na divulgação da doutrina católica. Apesar de se tratar de uma peça musical para ser cantada por um quarteto, o título também poderia ser lido por todos aqueles que

desejassem conhecer a história da beata Rita. O termo “hagiografia” é de origem grega e sua junção “*hagios*: santos” e “*grafia*: escrita”¹ pode ser compreendida como a atividade intelectual que se dedica à biografia dos santos, beatos e demais personalidades religiosas cujas vidas serviram de exemplo para os caminhos da fé. É possível afirmar que essas narrativas - que não estão comprometidas com os fatos históricos, mas com os episódios místicos de seus biografados - possuíam certos públicos alvo e, no caso das mulheres, as histórias de santas e beatas que viveram mansamente os desígnios de Deus foram utilizadas como modelo a ser seguido pelas demais filhas de Eva. Para Michel de Certeau, ao contrário da historiografia que, a princípio, teria o compromisso de narrar “aquilo que se passou”, as preocupações da hagiografia voltam-se para “aquilo que é exemplar”.²

No século XVIII, Portugal ainda vivia sob o regime do Padroado, que se traduzia no íntimo relacionamento entre a Igreja e o Estado, resultando na “troca de obrigações e de direitos entre a Igreja e um indivíduo, ou instituição, que assume assim a condição de padroeiro”³. No Império Português, esse sistema vinha sendo adotado desde o século XI. Com origens na Reconquista, quando o domínio da Península Ibérica foi tomado dos muçulmanos pelos cristãos⁴, diversas medidas foram implantadas em prol do fortalecimento desse laço. Em 1456, a Santa Sé concedeu a D. Henrique o direito de padroado sobre as terras conquistadas pelos portugueses ao sul do Equador. Em 1532, D. João III criou um tribunal para tratar assuntos espirituais, posteriormente chamado de Mesa da Consciência e Ordens. Finalmente, esse mesmo tribunal passou a regular a religião em todo o Império Português. Ao rei restava o poder de organizar, financiar as atividades religiosas e nomear cargos sacerdotais. Ana Maria Moog Rodrigues esclarece que o Padroado resultaria numa inversão da ordem dos poderes “de acordo com a doutrina da Igreja, ficando o poder espiritual submetido ao poder temporal. Sendo o Estado quem pagava o clero, ficava este equiparado ao funcionalismo público”⁵.

¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (org.). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, p. 881.

² CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1982, p. 242.

³ NEVES, Guilherme Pereira das. A religião do Império e a Igreja. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Imperial: 1808-1831*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 382.

⁴ NEVES. A religião do Império e a Igreja, p. 382.

⁵ RODRIGUES, Ana Maria Moog. Introdução. In: RODRIGUES, Ana Maria Moog (org.) *A Igreja na República*, Brasília: Câmara dos Deputados; Editora Universidade de Brasília, 1981, p. 3.

A Igreja Católica possuía um papel central no Reino, tutelando os direitos civis do nascimento à morte. Segundo Francisco Bethencourt⁶, os ritos de passagem consagrados como sacramentos – batismo, casamento e morte - ficaram profundamente enraizados em Portugal no século XVI, certamente ancorados no Concílio de Trento (1545 a 1563). Além disso, Portugal também possuía o Tribunal do Santo Ofício desde 1536, quando D. João III negociou a instituição com o papa Clemente VII. Além de investigar, julgar e punir todos os indivíduos acusados de comportamentos e práticas heréticas, o Santo Ofício também fazia a avaliação das obras literárias, arbitrando sobre as que poderiam ser publicadas e consumidas pela população letrada e as que deveriam ser censuradas e entrar na lista do *Index Librorum Prohibitorum*, o índice dos livros proibidos pela Igreja. O Tribunal do Santo Ofício vigorou até o ano de 1821 quando as Cortes Gerais Constituintes extinguíram-no.⁷ Foi fazendo-se presente na vida cotidiana que a Igreja conquistou importância no seio da população portuguesa, que encontrava nas obras hagiográficas exemplos de fé e retidão.

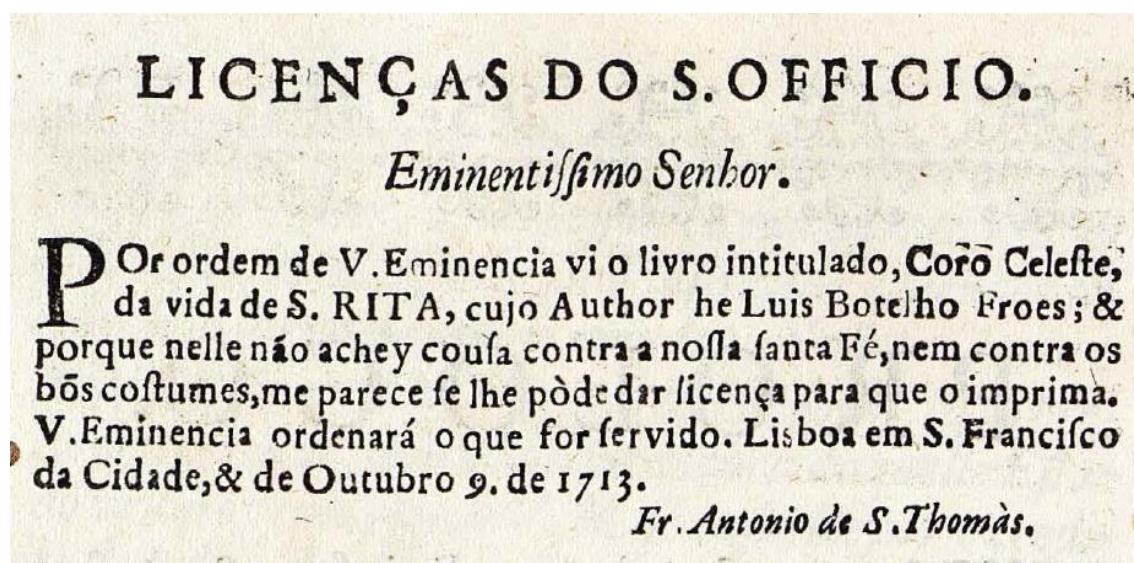


Imagem 1: Uma das licenças expedidas pelo Tribunal do Santo Ofício, dando parecer favorável à publicação da obra *Coro Celeste*. FIGUEIREDO, Luís Botelho Frões de. *Coro Celeste a quatro vozes: vida musica em Solfa Metrica, da esclarecida, Augustiniana Beata Rita*, Lisboa: Na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1714, p. [s/p].

A hagiografia conquistou grande importância na Península Ibérica. Ainda na primeira metade do setecentos, o crescimento na circulação de títulos religiosos coloca em evidência o seu

⁶ BETHENCOURT, Francisco. A Igreja. In: MATTOSO, José (org.). *História do Portugal: no alvorecer da modernidade (1480-1620)*, v. 3, Lisboa: Editorial Estampa, 1997, p. 139.

⁷ TRIBUNAL do Santo Ofício. Arquivo Nacional Torre do Tombo. Captado em: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=2299703>. Acesso em: 18 dez. 2014.

sucesso entre os fiéis.⁸ Para Eliane Fleck e Mauro Tavares, além da catequização, tais obras serviriam para o controle das formas de devoção, já que a religiosidade popular poderia ser facilmente confundida com heresia.⁹ Não coincidentemente, a permissão do Santo Ofício se fazia necessária, atestando a anuência da Igreja com a publicação de tais livros.

A história de Rita, beatificada em 1628 pelo papa Urbano VIII e canonizada em 1900 por Leão XIII, tem repercutido entre os fiéis da Igreja ao longo dos séculos, tornando-a uma das santas mais populares do catolicismo. Segundo Elena Bergadano, ela é “a santa de todos” disposta a oferecer abrigo e consolo a quem mais necessita.¹⁰ Para o Mons. Luís de Marchi, ela é a “santa dos impossíveis”, cuja vida em fé e obediência resultou em inúmeros milagres.¹¹ As obras hagiográficas sobre Rita têm apresentado inúmeras versões que se modificaram através dos tempos. Contudo, todas elas mencionam a importância do perfil obediente e resignado da santa, características essenciais para o seu culto e devoção.

O que nos interessa aqui não é atestar ou contestar a veracidade das narrativas hagiográficas, tampouco redigir um trabalho biográfico sobre nossa personagem – embora seja indispensável expor algumas versões de sua história –, mas sim elucidar a importância de uma obra na catequização dos fiéis, sobretudo das mulheres, tendo como foco o uso da hagiografia como tecnologia de gênero.

Foi Teresa de Lauretis que cunhou o termo em sua produção bibliográfica. Segundo ela, a construção do gênero “é o produto e o processo tanto da representação quanto da auto-representação”¹². Nesse caso o cinema, a imprensa, os discursos políticos, religiosos e médico/científicos são tecnologias sociais que atribuem significados ao que é ser homem ou mulher. Contudo, essas tecnologias não atuam sozinhas, sendo necessária a participação dos atores em sua construção, ou seja: como homens e mulheres absorverão essas representações. Afirmar que o gênero é uma representação não significa que o mesmo não possua implicações na vida material, pelo contrário: muitas vezes são essas representações que ditam os destinos ou as formas de resistência aos limites que a marca do gênero impõe.

⁸ FLECK, Eliane; TAVARES, Mauro. "Morta de amor por Deus": a vida exemplar de Dona Thomázia, uma mulher letrada e devota que morreu em Lisboa no ano do terremoto (1755). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, Jan/Jun 2015, p. 30.

⁹ FLECK. “Morta de amor por Deus”, p. 32.

¹⁰ BERGADANO, Elena. *Rita de Cássia: a santa de todos*. Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

¹¹ MARCHI, Luís de. *Santa Rita de Cássia*. Trad. Lydia Christina Fróes da Fonseca. São Paulo: Paulus, 2012.

¹² LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. Trad. Suzana Funk. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura*, Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 217.

Lauretis menciona o cinema como ferramenta dessa tecnologia, que “constrói a mulher como imagem, como objeto do olhar voyerista do espectador”¹³, representação muitas vezes construída por homens que até hoje são maioria na indústria cinematográfica. Coisa semelhante ocorria com a hagiografia setecentista, cuja escrita era encabeçada por autores dispostos a apresentar em um cenário os exemplos de como uma boa mulher deveria agir. Rita, assim como tantas outras santas e beatas da Igreja Católica, também foi objeto do olhar do *voyer*, em uma época em que não havia câmeras ou efeitos especiais.

O artigo propõe demonstrar um exemplo dessa tecnologia adotada pela Igreja para a catequização e fomento da devoção. Por conta disso, é mister elucidar os possíveis usos de uma narrativa para demarcar os lugares específicos do gênero no seio da sociedade, cuja motivação é determinar as formas aceitáveis de *ser mulher*.

A devoção como técnica disciplinar

Observando o cotidiano dos fiéis católicos, é possível perceber que o aspecto da devoção serve como instrumento da disciplina. Seguir as normas do Vaticano não é tarefa fácil para ninguém, nem mesmo para os clérigos, e a penitência está sempre presente na vida do católico praticante que, após confessar seus pecados, dobra seus joelhos perante o altar e se põe a rezar Ave-Marias e Pai-Nossos. O Cristo e a Virgem Maria são, no catolicismo, as principais figuras para as quais os fiéis dirigem sua fé, contudo os santos e beatos também são importantes por servirem como intercessores junto ao Deus Pai na salvação das almas pecadoras. Mas a nossa proposta vai além: eles não são apenas intercessores bondosos, mas também exemplos de fé e retidão. Ao direcionar suas orações para determinado santo que se tornou conhecido por algum feito particular – ter praticado a caridade, ter aguentado o martírio em vida, ter sido obediente aos pais, etc. – o fiel está também aprendendo aquele aspecto para pôr em prática em sua vida particular.

Segundo Jacques Le Goff, ser canonizado, ou seja, tornar-se santo, é um privilégio conferido a poucos, reservado para aqueles que não apenas foram obedientes à religião, mas que também suportaram o martírio.¹⁴ O martírio esteve presente na Paixão de Cristo e seu sofrimento na cruz; nas dores de Maria ao chorar a morte de seu primogênito; na vida de Rita, que foi vítima

¹³ LAURETIS. A Tecnologia do Gênero, p. 221.

¹⁴ LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média*: conversas com Jean-Luc Pouthier. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 30.

de diversas formas de violência pelas mãos do marido. Mas ser mártir não é suficiente: suportar o sofrimento sem sucumbir ao pecado é, para o catolicismo, uma virtude.

Ao servir-se dos exemplos dos santos, o fiel pode ter a sensação de que sua trajetória nos caminhos da fé fica mais serena. Ao encorajar a devoção, a Igreja e seus sacerdotes estão fazendo uso de uma técnica disciplinar cara e proveitosa. Percebe-se um movimento em dois sentidos: o primeiro é o conforto do ponto de vista emocional, que pode provocar no indivíduo a percepção de aconchego e a crença na promessa do milagre; o segundo é a catequização. O ensinamento da doutrina católica com base nos exemplos práticos que a hagiografia apresenta, muitas vezes passando por situações banais do cotidiano humano, são facilmente identificados pelos fiéis. Para Luiz Gonzaga Motta:

Os ouvintes de uma narrativa não captam apenas as sequências de acontecimentos representados (a trama ou enredo), mas captam também aspectos ocultos ou virtuais das personagens e das ações que requerem novos pensamentos de sua parte, requerem uma recriação virtual das situações, dos comportamentos, da moral e da ética pressupostos ou sugeridos pela história (a fábula). Referência e significação guardam, assim, uma relação de contiguidade. Entretanto, a narrativa se constitui como sentido não porque os fatos narrados sejam verdadeiros ou falsos, mas porque ela possui uma estrutura interna de conexão que determina a sua configuração integral.¹⁵

Ainda hoje as obras hagiográficas fazem sucesso entre o público leitor, sendo passadas de mãos em mãos nos bancos das catedrais. No Brasil, editoras especializadas em literatura religiosa continuam publicando as histórias de vida dos santos e beatos da Igreja, sendo reconhecido o sucesso de vendas da Editora Loyola e da Paulus que, com preços populares, ajudam a difundir a doutrina católica.

Rita de Cássia ou Santa Rita, como os católicos preferem chamá-la, é protagonista dessas narrativas há séculos, consagrando-se como operadora do impossível no Ocidente cristão e ocupando um lugar de destaque no seio da fé católica.

Rita de Cássia como ideal de mulher

Algumas historiadoras brasileiras têm se dedicado aos estudos de gênero no período que compreendemos como Idade Média. Maria Filomena Pinto da Costa Coelho e Valéria Fernandes da Silva são dois nomes expoentes dessa área. Ambas, em determinado momento, debruçaram-se sobre a vida das mulheres do medievo, o que inclui investigar o cotidiano e as práticas femininas nos conventos. Embora a nossa principal fonte seja do início do século XVIII, em plena Idade

¹⁵ MOTTA, Luiz Gonzaga. *Narratologia: análise da narrativa jornalística*, Brasília: Casa das Musas, 2004, p. 8.

Moderna, Rita é uma personagem nascida no final do XIV, pertencendo, assim, à tradição medieval.

Silva, cuja tese de doutoramento foi sobre Clara de Assis, aponta que o ideal de mulher religiosa do século XIII era uma construção discursiva, uma vez que nos processos históricos as mulheres não foram simples agentes passivos.¹⁶ Apesar das tentativas dos poderes hegemônicos em controlá-las – entre eles a Igreja –, o sujeito feminino nunca deixou inscrever sua autonomia ao acatar ou subverter a ordem social em que estava inserido. Nesse caso, vale dar atenção ao conceito de micropoder de Michel Foucault. Para obter sucesso, os detentores do poder hegemônico dependem desses micropoderes para lograr êxito em seus projetos, afinal “[...] para que haja um movimento de cima para baixo, é preciso que haja, ao mesmo tempo, uma capilaridade de baixo para cima”¹⁷. Esse entendimento coloca em xeque o papel de passividade e conformidade que algumas narrativas, inclusive historiográficas, atribuem às mulheres.

Analisando fontes documentais, Coelho diagnosticou que nos conventos cistercienses dos séculos XII e XIII da região de León, Espanha, as mulheres gozavam de uma grande autonomia, sendo proprietárias de terras, gerindo suas economias e organizando suas vidas fora do alcance dos olhares masculinos:

De fato, ao longo de nosso trabalho de pesquisa pudemos constatar que existia um projeto feminino de construção de um lugar de acolhida para as mulheres da família, longe da ingerência masculina, a partir do qual elas podiam exercer um papel protagonista dentro da sociedade feudal, tal e como requeria sua condição de nobres.¹⁸

Tanto Silva quanto Coelho identificaram a existência de mulheres viúvas que decidiram consagrar-se como freiras, sinalizando que o convento não serviu apenas como o lugar para o qual as famílias mandavam suas filhas que não foram destinadas ao matrimônio. A própria Rita consagrou-se após a viuvez e, segundo a hagiografia, ela desejava seguir os caminhos religiosos desde a mais tenra idade. Também é válido o seguinte questionamento: a opção pelo convento não seria uma forma de resistência adotada pelas mulheres contra a imposição do casamento? O cotidiano da vida religiosa, comparado ao cotidiano da mulher casada no período medieval, pode sinalizar maiores benefícios e liberdades para aquelas que encontraram na Igreja a sua vocação.

¹⁶ SILVA, Valéria Fernandes da. *Construindo a Religiosa Ideal: da Diversidade ao Modelo Único*. Revista de História Comparada, Rio de Janeiro, v. 6, 2009, p. 2.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2012, p. 372.

¹⁸ COELHO, Maria Filomena Pinto da Costa. Ser Mulher na Idade Média. *Textos de História*, Brasília, v. 5, n. 1, 1997, p. 87.

Para Silva “as religiosas estavam se insurgindo contra as estruturas sociais e a ordem política, ao se recusarem a assumir a função a elas atribuída no mercado matrimonial”¹⁹.

As medidas tomadas durante o período compreendido como Reforma Gregoriana²⁰ (séculos XI-XIII) foram decisivas para impor os limites entre o monasticismo masculino e o feminino. Junto às investidas da Igreja pela moralização da Cristandade, a sacralização do clero e o fortalecimento do poder espiritual, em que o papa Gregório VII cumpriu um papel decisivo, impôs-se uma hierarquia de gênero entre os monges muito maior do que aquela vista nos períodos anteriores:

Se antes os monges e monjas estavam no mesmo nível, sendo em geral laicos que faziam votos de pobreza, obediência e castidade, agora, o valor dado ao sacerdócio e o fato deste se caracterizar como um privilégio masculino, funcionava como um mecanismo de hierarquização dentro da vida religiosa, favorecendo também a ingerência masculina sobre as monjas.²¹

A hagiografia também foi afetada pela Reforma Gregoriana. A partir do século XI, a escolha por representações femininas mais voltadas à clausura, obediência, mansidão e submissão – seja a Deus, aos pais ou ao marido – ficou ainda mais comum.²² A obra de Figueiredo é um exemplo desse aspecto, mesmo tendo sido publicada cinco séculos após a Reforma. Nesse caso, temos um exemplo de uma tradição que se esforça para manter sua continuidade em um tempo de longa duração. Como assinalou Jörn Rüsen, as narrativas tradicionais compreendem a continuidade como permanência na mudança, em que o tempo é eternizado como sentido e a memória surge como relicário onde estão organizadas as origens.²³ Além disso, as tradições oferecem uma orientação para a vida humana no presente,²⁴ em que diversas práticas e ideários já existiam muito antes que nossos corpos, matéria carnal e de natureza efêmera, aqui residissem.

A narrativa de Figueiredo exprime esse ideal de mulher religiosa pós Reforma Gregoriana. Centrada na importância da obediência a Deus, aos pais e ao marido, a obra aqui estudada torna-se representante de determinada tradição sagrada, que necessita do *traditum* para sobreviver na longa duração. O *traditum* nada mais é do que uma instrução, que atesta determinados valores

¹⁹ SILVA. Construindo a Religiosa Ideal, p. 4.

²⁰ Sobre os limites desse conceito, ver a seguinte discussão historiográfica: RUST, Leandro Duarte; SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazao da. *A Reforma Gregoriana: trajetórias historiográficas de um conceito*. História da Historiografia, Ouro Preto, n. 03, Set/2009, pp. 135-152.

²¹ SILVA. Construindo a Religiosa Ideal, p. 8.

²² SILVA. Construindo a Religiosa Ideal, p. 8.

²³ RÜSEN, Jörn. História Viva. *Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Trad. Estevão de Martins Rezende. Brasília: Editora UnB, 2007, p. 62.

²⁴ RÜSEN, Jörn. Tradition: a principle of historical sense-generation and its logic and effect in historical culture. *History and Theory*, Middletown, Theme Issue 51, December, 2012, p. 46.

para a vida humana prática e cuja ação se dá por meio de uma autoridade,²⁵ expressa nos cânones, doutrinas e escrituras de uma instituição religiosa.²⁶

A personagem feminina mais utilizada como exemplo às mulheres católicas sempre foi a Virgem Maria, mãe de Cristo e escolhida especialmente por Deus para conceber seu primogênito. Durante a Idade Média e com a popularização do culto mariano – a partir da época carolíngia no final do século VIII, intensificando-se no século XI –, Maria foi redentora da imagem feminina, uma espécie de “anti-Eva” por ter concebido Jesus sem pecado.²⁷ Apesar de o modelo mariano ser largamente aplicado na catequização, a historiadora Ana Vitória S. C. Rocha apontou para a sua impraticabilidade, uma vez que:

Aproximar-se da imagem pura e casta da Virgem Maria era um ideal que deveria ser seguido por todas as mulheres de bem. Ideal impossível, uma vez que nenhuma delas seria escolhida por deus para conceber seu único filho, Jesus Cristo. De qualquer forma, as mulheres deveriam perseguir esse ideal e manterem-se distantes dos crimes sexuais.²⁸

Não obstante, outras mulheres foram largamente utilizadas pela instituição na catequização das fiéis. Apesar de Rita estar em um lugar inferior à Virgem Maria no seio da hierarquia católica, seu exemplo não era menos difícil de ser seguido. A hagiografia cassiana possui diversos episódios fantásticos, como o fato de Amata, sua mãe, contar com 72 anos de idade no seu nascimento, sem o menor sinal de dores na concepção.²⁹ O significado dessa narrativa exprime que a linhagem da santa era tão casta que sua própria mãe não sentiu dores no parto, que segundo as escrituras bíblicas é uma penalidade divina às mulheres pelo pecado original: “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”³⁰. Ademais, Rita suportou o martírio durante o seu casamento com Paulo Mancini Di Fernando, um homem cruel e autor de inúmeras sevícias, sem em qualquer momento rebelar-se contra o marido e o sagrado matrimônio.

²⁵ PIEPER, Josef. *Tradition: Concept and Claim*, South Bend: St. Augustine’s Press, 2010, p. 9-10.

²⁶ BRONNER, Simon. J. *Explaining Traditions: Folk, Behavior in Modern Culture*, Lexington: The University Press of Kentucky, 2011, p. 41.

²⁷ LE GOFF, Jacques (dir.). *Homens e mulheres da Idade Média*. Trad. Nícia Adan Bonatti São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2013, p. 391.

²⁸ ROCHA, Ana Vitória S. C. *Amor, Ordem e Progresso: casamento e divórcio como desafios à laicidade do Estado (1847 – 1916)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Programa de Pós Graduação em História, 2014, p. 24.

²⁹ FIGUEIREDO. *Coro Celeste a quatro vozes: vida musica em Solfa Metrica, da esclarecida, Augustiniana Beata Rita*, Lisboa: Na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1714, p. 9.

³⁰ BÍBLIA, A.T. Gênesis 3:16. In: Bíblia. Português, Bíblia Sagrada: contendo o Antigo e o Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966. p. 678-686.

A obra de Figueiredo está repleta de inúmeros episódios dramáticos. Para André Vauchez, os santos mediterrânicos, sobretudo aqueles da região da Itália, caracterizam-se não por terem um nascimento ilustre ou pelo desempenho de uma função de destaque - como no caso dos santos bispos da França e da Inglaterra do século XIII -, mas sim pelas provações sofridas em nome de Deus e do próximo.³¹

Rita nasceu no ano de 1373 em Úmbria, Itália. Fora uma criança humilde que ofereceu-se como esposa a Deus entre os 7 e 12 anos de idade, no mesmo período em que dedicava-se à caridade aos pobres e às reclusas orações - “Descobre em sua casa (cousa nova!)/ Um lugar subterrâneo, era uma cova/ [...] Metida neste lúgubre aposento/ Sem mais luz do que a luz do entendimento/ Assistida de auxílio soberano/ Habitou mais de um ano”.³² Entretanto, sua alegria no claustro doméstico foi interrompida com o casamento, que nunca desejou, mas aceitou em obediência aos pais:

[Amata] começa a rebater da filha o rogo/ Para cujo fim logo propunha uma velhice já cansada/ Trazia-lhe à memória a casa honrada/ O largo patrimônio/ De que era a sucessão no matrimônio/ Uma estátua, a que o tempo não consome/ Na qual dos pais se imortaliza o nome/ Autorizava o brado do aplauso que merece aquele estado/ Pois além da primeira antiguidade/ Que lhe dava uma grande autoridade/ Com melhor fundamento/ Era tão Santo, que era Sacramento [o casamento]/ Ali diz que o Céu também se agrada/ E sobre tudo brada o Divino preceito/ Que do pátrio respeito no quarto mandamento nos declara/ Qual deve ter uma observância rara.³³

O pátrio respeito a que Figueiredo se refere é justamente o quarto mandamento, que diz para honrar pai e mãe. O trecho também expressa um valor presente em toda tradição: a importância das origens, nesse caso as origens do matrimônio, que além de estar representada no primeiro casal que pisou sobre a Terra – Adão e Eva – ainda era Sacramento. Submissa à doutrina que pregava determinada hierarquia – Deus, pais, marido -, Rita cedeu às vontades da família e se casou com o homem escolhido pelos seus guardiões.

Segundo o autor, Rita casou-se aos 12 anos de idade, embora a hagiografia atual aponte a idade de 14 anos.³⁴ Desde o início a união se provou abusiva, sendo que garota era obrigada a aguentar toda sorte de abusos, inclusive o estupro em sua noite de núpcias, que, para a tradição católica, nada mais é do que a consumação obrigatória do vínculo: “Ao tálamo, a que já se destinava/ Incêndio, de que ocultava o vivo fogo/ Porque os passos do esposo sentia logo/

³¹ AUCHEZ, André. O Santo. In: LE GOFF, Jacques (dir.). *O homem medieval*. Trad. Maria Jorge Vitar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 220.

³² FIGUEIREDO. *Coro Celeste a quatro vozes*, p. 25.

³³ FIGUEIREDO. *Coro Celeste a quatro vozes*, p. 29.

³⁴ BERGADANO. *Rita de Cássia*, p. 9.

Recolhem-se, onde agora com tristeza/ Na boca deste lobo deixou a presa”³⁵. A representação da violência sexual, emocional e física nos discursos colabora para a naturalização de uma relação desigual entre os gêneros masculino e feminino, que emerge como herança da tradição e habita o imaginário social. A violência que a mulher teme assume características diferentes do temor masculino, lembrando-a, sempre, do seu lugar:

Fundamentalmente, passamos a perceber que o universo feminino é muito diferente do masculino, não simplesmente por determinações biológicas, como propôs o século 19, mas sobretudo por experiências históricas marcadas por valores, sistemas de pensamento, crenças e simbolizações diferenciadas também sexualmente.³⁶

A violência sexual não foi a única que vitimou Rita, tendo ela também sofrido com o adultério e com a violência psicológica. Na obra de Figueiredo inúmeros episódios dessa natureza são narrados para ilustrar o martírio da beata sem, entretanto, propor qualquer outra forma de resistência que não fosse o silêncio e a abnegação. Nesse sentido, o autor exprime sua estima e louvor ao exemplo da mulher reta que responde à hostilidade com bondade e paciência, fazendo dessas as suas principais e únicas armas:

Vinha o monstro tirano/ Soberbo para casa, vinha rufando/ Como quem na lembrança ainda entretinha/ A memória dos gostos donde vinha/ Nada disso bastava/ Com todos entendia, em todos dava/ Sendo da torpe língua a aguda seta/ [Espada natural] a que jarreta/ Uma inocência em que o respeito mudo/ De nunca defender-se fez escudo.³⁷

Debruçar-se sobre a hagiografia de sujeitos femininos é também se deparar com o silêncio e seus inúmeros sentidos, sejam eles positivos ou negativos. Eni Puccinelli Orlandi apresentou várias significações para o silêncio, como as políticas de silenciamento, ou seja, de censurar o que é visto como o outro, o múltiplo, o diferente, aquele que ameaça a unidade almejada. Também existe o silêncio como contemplação e o silêncio como resistência à determinada autoridade.³⁸ As três formas podem ser identificadas na obra aqui analisada. Figueiredo silencia outras formas de *ser mulher* ao não reconhecê-las em sua autenticidade. Ao apresentar o exemplo de Rita como ideal de mulher católica, ele está deixando implícita sua relação de alteridade com o outro, com aquilo que é indesejável. Para existir um arquétipo de sujeito obediente, é preciso que haja um outro que seja subversivo e indomável, e esse sujeito

³⁵ FIGUEIREDO. *Coro Celeste a quatro vozes*, p. 39.

³⁶ RAGO, Margaret. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 11, 1998, p. 92-93.

³⁷ FIGUEIREDO. *Coro Celeste a quatro vozes*, p. 45-46.

³⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, Campinas: Editora Unicamp, 2013, p. 42.

transgressor precisa ser ocultado, emudecido, condenado à marginalização. O silêncio como contemplação também está presente na narrativa, já que no seio da religião opera a onipotência do silêncio divino, e “o homem precisa desse lugar, desse silêncio para colocar uma sua fala específica: a de sua espiritualidade”³⁹. Já o silêncio como resistência é constante em toda a obra, sendo ele a única forma de defesa admitida.

É interessante notar que algumas narrativas atuais sobre Santa Rita já questionam as antigas versões que representavam seu casamento como uma união violenta e abusiva. Bergadano assinala que “se Paulo tivesse sido um homem assim, Antonio e Amata não teriam permitido que desposasse seu precioso tesouro, ou seja, sua única e muito amada filha”⁴⁰. Contudo, a versão de Figueiredo ainda ecoa nas obras de muitos autores do presente, como a do Mons. Marchi que confirma que Paulo era violento e também relembra que Rita só foi recompensada posteriormente devido ao seu exemplo de fé e obediência: “Esta maravilhosa força moral vinha de sua oração ardente, da santa comunhão e da sua meditação predileta da paixão de nosso Senhor Jesus Cristo”⁴¹.

Apesar de a Igreja Católica permitir a anulação do matrimônio ou a separação de corpos em casos de sevícias, injúria, maus tratos e adultério,⁴² a indissolubilidade sempre foi um preceito de valor inquestionável. *Coro Celeste* sugere que a paciência, a oração e a obediência são as melhores estratégias para transformar uma união tirânica. Dessa forma, é preferível esperar que uma relação seja restaurada pela milagrosa caridade divina do que optar por abandoná-la. E, obviamente, se a mulher vítima for paciente e acreditar na providência de Deus, será merecedora dos bens espirituais. De acordo com Figueiredo, foi isso que aconteceu com Rita e seu marido Paulo. Sendo testemunha da dedicação e da fé da esposa, Paulo não apenas parou de maltratá-la, como também converteu-se ao catolicismo e viveu seus últimos dias como um cristão fiel, até ser assassinado por antigos desafetos.⁴³

Após a morte do marido, os filhos gêmeos do casal, João Jacomo e Paulo Maria, foram tomados por uma sede de vingança e um comportamento belicoso incontroláveis. Isso levou Rita a rezar pedindo a morte de seus dois únicos filhos – “Porém, vendo no risco que temia/

³⁹ ORLANDI. *As formas do silêncio*, p. 28.

⁴⁰ BERGADANO. *Rita de Cássia*, p. 53.

⁴¹ MARCHI. *Santa Rita de Cássia*, p. 29.

⁴² ROCHA. *Amor, ordem e progresso*, p. 90.

⁴³ FIGUEIREDO. *Coro Celeste a quatro vozes*, p. 58-59.

Aumentar-se este incêndio a cada dia/ Do mesmo afeto natural despida/ Pede-lhe a Deus a morte antes que a vida”⁴⁴ – ao que foi prontamente atendida pela divina providência.

Completamente sozinha, Rita recolheu-se ao claustro doméstico mais uma vez, abraçando o celibato. Durante anos só saiu de casa para se dedicar aos trabalhos de caridade e receber a sagrada comunhão na paróquia local. A beata ainda possuía no peito o ardente desejo de consagrar-se freira, procurando o convento das Agostinianas na cidade de Cássia, mas não foi aceita: Rita não era mais virgem e já estava com uma idade considerada avançada para filiar-se a uma ordem.

A recompensa veio em forma de milagre. Após inúmeras orações e jejuns, Rita ouviu uma voz de origem divina, dizendo-lhe: “Feliz, amada Esposa!/ Desta luz serás hoje mariposa”⁴⁵. A voz ordenou-lhe que seguisse um guia que bateria à sua porta. Ao olhar para fora da janela, Rita encontrou um homem “rico de graças, de vestidos pobres”, que ficou com o encargo de leva-la até o mosteiro de Santa Maria Madalena em Cássia. Seu acompanhante na ocasião era o próprio São João Batista. O trajeto passava pelo monte Scoglio de Roccaporena, onde se encontraram com Santo Agostinho e São Nicolau Tolentino. Seus três protetores a deixaram diretamente no claustro, o que impressionou as demais freiras ao acordarem e perceberem entre elas a inesperada presença da viúva.⁴⁶ Certamente tal feito causou um grande rebuliço entre as demais irmãs, mas Rita foi aceita e rapidamente vestiu o hábito. Essa foi a retribuição e o reconhecimento por uma vida consumada na fé e na resignação, que suportara o martírio sem reclamar.

O martírio das santas da Igreja Católica é, certamente, diferente do martírio enfrentado pelos santos. Muitos estudiosos já se debruçaram sobre a hagiografia masculina. Le Goff, por exemplo, redigiu um belíssimo ensaio sobre São Marcelo de Paris, do século V, que enfrentou corajosamente um dragão.⁴⁷ Muitos outros se tornaram conhecidos pela sua erudição e colaboração intelectual à Igreja, como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. A hagiografia masculina é marcada pelo heroísmo e a aventura – e aqui encontra-se, obviamente, a peregrinação - ou pela celebração do conhecimento teológico, enquanto a feminina é reconhecida pelo martírio doméstico, sendo raras as exceções.⁴⁸ Segundo Tânia Montoro: “Por muito tempo associou-se

⁴⁴ FIGUEIREDO. *Coro Celeste a quatro vozes*, p. 69.

⁴⁵ FIGUEIREDO. *Coro Celeste a quatro vozes*, p. 80.

⁴⁶ FIGUEIREDO. *Coro Celeste a quatro vozes*, p. 82.

⁴⁷ LE GOFF, Jacques. *Para uma outra Idade Média: Tempo, trabalho e cultura no Ocidente*, Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 301.

⁴⁸ Uma exceção é Joana Darc do século XV, chefe militar da Guerra dos Cem Anos. Foi queimada viva em um auto de fé e canonizada em 1920. Até hoje a santa é considerada um símbolo do nacionalismo francês.

aventura aos descobrimentos e as navegações – tarefas masculinas, senhoris e heroicas”⁴⁹. Certamente essa exclusão das mulheres nas narrativas de aventura influenciou a hagiografia, limitando-as às representações da vida privada e, quando muito, às funções de cuidadoras, como as enfermeiras e missionárias.

A hagiografia cassiana soube representar os valores da Igreja Católica. Para a instituição, ser homem ou ser mulher possui funções muito claras no seio da hierarquia social. Dessa estrutura hierárquica depende o bom funcionamento da sociedade, em que qualquer ameaça de desconstituição surge como causadora da desordem e do desmantelamento dos poderes hegemônicos.

Conclusão

O crescente uso da hagiografia como fonte histórica tem se provado vantajoso para a compreensão das mentalidades de homens e mulheres do passado. Como anteriormente assinalou Ana Paula Lopes Pereira, “o santo é um modelo de comportamento para os fiéis, o leigo, e, por outro lado, seu culto e sua eficácia aparecem como um meio de expressar as estruturas mentais de base”⁵⁰. Fruto de processos temporais, a narrativa hagiográfica expressa valores e acepções transmutáveis,⁵¹ apesar de preservar certas tradições caras ao catolicismo, como a hierarquia entre homens e mulheres na vida familiar e conjugal.

Coro Celeste foi publicado para corroborar a ordem social, não para subvertê-la. É assim com toda a literatura católica, em que a hierarquia e a tradição se mantêm. Rita aceita o martírio com paciência e resignação, omite o choro, esconde dos pais seu sofrimento,⁵² contudo, em momento algum, rebela-se contra o destino imposto. E é por ser fiel aos sagrados votos do matrimônio que Rita tem seu valor reconhecido: até hoje a santa é procurada por devotos que possuem problemas conjugais. Apresentá-la dessa forma só reforça os estereótipos sobre o casamento, além de naturalizar o sofrimento feminino em uma relação sempre desigual. A doutrina católica não é meramente heterossexista, mas também prevê a desigualdade entre homens e mulheres como fator essencial para o bom funcionamento das relações familiares. A

⁴⁹ MONTORO, Tânia. Hollywood no Cerrado: um filme de Aventuras Femininas. Labrys Études Féministes! Estudos Feministas, Brasília/Paris, Julho/Dezembro 2011 – Janeiro/Junho 2012, Captado em: <http://www.labrys.net.br/labrys20/aventura/montoro.htm>. Acesso em: 20 mai. 2015.

⁵⁰ PEREIRA, Ana Paula Lopes. *O relato hagiográfico como fonte histórica*. Revista do Mestrado em História, Vassouras, v. 10, 2008, p. 196.

⁵¹ AUCHEZ. *O Santo*, p. 218.

⁵² “Sendo dos velhos pais nobre correio/ Aos noivos pelo modo mais atento/ Veio fazer o usado cumprimento/ Recebe RITA alegre esta embaixada/ E ficando-lhe a dor reconcentrada com natural prudência/ Cobria na política aparência/ Apesar da tristeza que ocultava/ Quanto o soberbo noivo a desprezava.” FIGUEIREDO. *Coro Celeste*, p. 42-43.

Bíblia assinala que “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo”⁵³. O próprio discurso da instituição não dá margem para a subversão, apesar de hoje sabermos que a transgressão sempre existiu na história da Igreja. De qualquer forma, a hagiografia está inserida na concorrência contra as formas de insubordinação que possibilitariam a mudança da realidade, afinal: “Escrito na carne e traduzido em prosa e verso, o destino manifesto, a função maior: a maternidade. No casamento e na heterossexualidade o caminho, a ordem”⁵⁴.

A obra aqui analisada exprime uma tecnologia de gênero sofisticada que não atua em sua solitude. Para isso, essa tecnologia encontra abrigo na tradição que é o espaço capaz de garantir sua sobrevivência no tempo. É na tradição sagrada que o binarismo de gênero e sua consequente hierarquização se impõem e competem contra as forças que almejam a sua subversão.

⁵³ BÍBLIA, Efésios 5:22-23, p. 2015.

⁵⁴ SWAIN, Tânia Navarro. Feminismos: Teorias e Perspectivas. *Textos de História*, Brasília, v. 8, n. 1, 2000, p. 2.